**REAL, Miguel. Introdução à Cultura Portuguesa, Lisboa: Planeta, 2011**

Contents

[Reis e Rainhas de Portugal 4](#_Toc300877841)

[I Dinastia de Borgonha (ou Afonsina) (1128-1385) 4](#_Toc300877842)

[II Dinastia de Avis (1385-1580) 4](#_Toc300877843)

[III Dinastia Filipina (1580-1640) 4](#_Toc300877844)

[IV Dinastia de Bragança (1640-1910) 4](#_Toc300877845)

[Presidentes da República 5](#_Toc300877846)

[I República (1911-1926) 5](#_Toc300877847)

[II República – O Estado Novo (1928-1974) 5](#_Toc300877848)

[III República (1974- ) 5](#_Toc300877849)

[Introdução à Cultura Portuguesa 6](#_Toc300877850)

[Índice 6](#_Toc300877851)

[I – Perspectiva Formal 8](#_Toc300877852)

[1 – Conceitos básicos – dez categorias mentais e quatro modelos-padrão definidores da cultura portuguesa 8](#_Toc300877853)

[2 – O intelectual português 14](#_Toc300877854)

[Reis e Rainhas 16](#_Toc300877855)

[D. Dinis (1278-1325) 16](#_Toc300877856)

[D. Duarte (1433-1438) 16](#_Toc300877857)

[D. João IV (n. 1604 - m. 1656) 16](#_Toc300877858)

[D. Manuel (1495-1521) 17](#_Toc300877859)

[Artes 18](#_Toc300877860)

[Barroco 18](#_Toc300877861)

[Introdução 18](#_Toc300877862)

[Etimologia 18](#_Toc300877863)

[Arquitectura 19](#_Toc300877864)

[Artes plásticas e decorativas 19](#_Toc300877865)

[Literatura 20](#_Toc300877866)

[em Portugal 20](#_Toc300877867)

[Imagens 23](#_Toc300877868)

[Lista Onomástica 26](#_Toc300877869)

[Alexandre Herculano 26](#_Toc300877870)

[Almeida Garrett 26](#_Toc300877871)

[Amorim Viana 26](#_Toc300877872)

[Antero de Quental 26](#_Toc300877873)

[António Sérgio 26](#_Toc300877874)

[Bernardim Ribeiro 26](#_Toc300877875)

[Camilo Castelo Branco 26](#_Toc300877876)

[Cesário Verde 26](#_Toc300877877)

[Cunha Seixas 26](#_Toc300877878)

[Eça de Queiroz 26](#_Toc300877879)

[Eduardo Lourenço 26](#_Toc300877880)

[Fernando Pessoa 26](#_Toc300877881)

[Francisco Manuel de Melo (1608-1666) 27](#_Toc300877882)

[Poesia 28](#_Toc300877883)

[Teatro 29](#_Toc300877884)

[Apólogos Dialogais 29](#_Toc300877885)

[Carta de Guia de Casados 30](#_Toc300877886)

[Tratado da Ciência 31](#_Toc300877887)

[Epanáforas de Vária História Portuguesa 32](#_Toc300877888)

[Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622) 32](#_Toc300877889)

[Gil Vicente 33](#_Toc300877890)

[Luís António de Verney 33](#_Toc300877891)

[Fontes Pereira de Melo 33](#_Toc300877892)

[Garcia de Orta 33](#_Toc300877893)

[Júlio Dinis 33](#_Toc300877894)

[Luís de Camões 33](#_Toc300877895)

[Oliveira Martins 33](#_Toc300877896)

[Padre António Vieira (1608-1697) 34](#_Toc300877897)

[Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724) 34](#_Toc300877898)

[Pedro Nunes 34](#_Toc300877899)

[Pinheiro Chagas 34](#_Toc300877900)

[Sá de Miranda 34](#_Toc300877901)

[Teófilo Braga 34](#_Toc300877902)

[Espinosa 34](#_Toc300877903)

[Hengel 35](#_Toc300877904)

[Glossário 36](#_Toc300877905)

[Absolutismo 36](#_Toc300877906)

[Carbonária 36](#_Toc300877907)

[Coevo 36](#_Toc300877908)

[Jacobinos 36](#_Toc300877909)

[Lirismo 36](#_Toc300877910)

[Maniqueísmo 36](#_Toc300877911)

[Monada 36](#_Toc300877912)

[Naturalismo 36](#_Toc300877913)

[Ontológico 37](#_Toc300877914)

[Panteísta 37](#_Toc300877915)

[Positivismo 37](#_Toc300877916)

[Racionalismo 37](#_Toc300877917)

[Realismo 37](#_Toc300877918)

[Romantismo 38](#_Toc300877919)

[Arcádia Lusitana 38](#_Toc300877920)

[“Vencidos da Vida” 39](#_Toc300877921)

[“Quinto Império” [Padre. António Vieira] 40](#_Toc300877922)

[“Idade do Espírito Santo” [Agostinho da Silva] 41](#_Toc300877923)

[Cronologia 42](#_Toc300877924)

[Referências bibliográficas 42](#_Toc300877925)

[Índice remissivo 43](#_Toc300877926)

# ****Reis e Rainhas de Portugal****

## **I Dinastia de Borgonha (ou Afonsina) (1128-1385)**

bola D. Afonso Henriques 1128-1185 O Conquistador

bola D. Sancho I 1185-1211 O Povoador

bola D. Afonso II 1211-1223 O Gordo

bola D. Sancho II 1223-1248 O Capelo

bola D. Afonso III 1248-1278 O Bolonhês

bola [D. Dinis](#DDinis) 1278-1325 O Lavrador

bola D. Afonso IV 1325-1357 O Bravo

bola D. Pedro I 1357-1367 O Justiceiro

bola D. Fernando 1367-1383 O Formoso

## **II Dinastia de Avis (1385-1580)**

bola D. João I 1385-1433 O de Boa Memória

bola [D. Duarte](#DDuarte) 1433-1438 O Eloquente

bola D. Afonso V 1438-1481 O Africano

bola D. João II 1481-1495 O Príncipe Perfeito

bola [D. Manuel](#DManuel) 1495-1521 O Venturoso

bola D. João III 1521-1557 O Piedoso

bola D. Sebastião 1557-1578 O Desejado

bola Cardeal D. Henrique 1578-1580 O Casto

bola D. António 1580 (1 mês) O Prior do Crato

## **III Dinastia Filipina (1580-1640)**

bola Filipe I 1580-1598 O Prudente

bola Filipe II 1598-1621 O Pio

bola Filipe III 1621-1640 O Grande

## **IV Dinastia de Bragança (1640-1910)**

bola [D. João IV](#DJoaoIV) 1640-1656 O Restaurador

bola D. Afonso VI 1656-1667 O Vitorioso

bola D. Pedro II 1667-1706 O Pacífico

bola D. João V 1706-1750 O Magnânimo

bola D. José 1750-1777 O Reformador

bola D. Maria I 1777-1799 A Piedosa

bola D. João VI 1799-1826 O Clemente

bola D. Pedro IV 1826-1828 O Rei Soldado

bola D. Miguel 1828-1834 O Absoluto

bola D. Maria II 1834-1853 A Educadora

bola D. Pedro V 1853-1861 O Esperançoso

bola D. Luís 1861-1889 O Popular

bola D. Carlos 1889-1908 O Diplomata

bola D. Manuel II 1908-1910 O Patriota

# ****Presidentes da República****

## **I República (1911-1926)**

bola Manuel de Arriaga 1911-1915

bola Teófilo Braga 1915

bola Bernardino Machado 1915-1917

bola Sidónio Pais 1918

bola João de Canto e Castro 1918-1919

bola António José de Almeida 1919-1923

bola Manuel Teixeira Gomes 1923-1925

bola Bernardino Machado 1925-1926

## **II República – O Estado Novo (1928-1974)**

bola António Óscar Carmona 1928-1951

bola Francisco Craveiro Lopes 1951-1958

bola Américo Rodrigues Thomaz 1958-1974

## **III República (1974- )**

bola António de Spínola 1974

bola Francisco da Costa Gomes 1974-1976

bola António Ramalho Eanes 1976-1986

bola Mário Soares 1986-1996

bola Jorge Sampaio 1996-2006

bola Aníbal Cavaco Silva 2006-?

# Introdução à Cultura Portuguesa

## Índice

Prefácio: Em demanda da cultura portuguesa, Por Guilherme d’Oliveira Martins

I PARTE – PERSPECTIVA FORMAL

1. Conceitos básicos – dez categorias mentais e quatro modelos-padrão definidores da cultura portuguesa
2. O intelectual português
3. Antropologia do Português

II PARTE – PERSPECTIVA HISTÓRICO-LITERÁRIA

1. Primeiro período – séculos XII a XVI: período de ouro da cultura portuguesa
   1. O Céu – Bênçãos
      1. Portugal – a face sul da Europa
      2. História mítica portuguesa
      3. Portugal – Cabeça da Europa para o Mundo
      4. Exemplos do período de ouro da cultura portuguesa: de Fernão Lopes e Gil Vicente a frei Heitor Pinto e Diogo Fernandes
      5. Criação da imagem cultural de Viriato como «patriarca» dos portugueses
      6. Cume do período de ouro da cultura portuguesa: Camões, Fernão Mendes Pinto, e Garcia de Orta
   2. O inferno – Tormentos
      1. Os cinco pecados da cultura portuguesa
      2. A *História Trágico-Marítima*
      3. A nativização ou cafrealização: os exemplos de João Ramalho e Caramuru
         1. João Ramalho
         2. Diogo Álvares Correia – o *Caramuru*
      4. A escravatura
2. Segundo período – século XVII: a hegemonia do messianismo providencialista e do espiritualismo religioso
   1. A mudança de paradigma cultural: a atracção pela Europa Central
      1. O estatuto histórico do século XVII
      2. A atracção pela Europa Central
   2. Uma cultura marcada pela perda e restauração da independência nacional: de Rodrigues Lobo a padre António Vieira e frei António do Rosário
3. Terceiro período – século XVIII: a emergência e dominância do racionalismo científico
   1. Portugal e Europa ou Portugal *versus* Europa?
   2. O conflito entre o marquês de Pombal e padre Gabriel Malagrida como expressão da luta entre o racionalismo científico e o espiritualismo religioso
   3. A ética de Matias Aires como expressão do impasse cultural no conflito entre o racionalismo e o espiritualismo
   4. O nascimento da literatura nativista brasileira, primeira expressão literária da cultura portuguesa fora da Europa
   5. O anúncio do romantismo, superação sentimental do racionalismo
4. Quarto período – 1800-1890: reacção do espiritualismo e do modernismo ao domínio setecentista do racionalismo
   1. O conflituoso nascimento da liberdade
   2. A liberdade em acto: Almeida Garrett e Alexandre Herculano
   3. A cultura do progresso no fontismo
   4. Reacção literária e filosófica contra o fontismo
   5. Ribombam os canhões contra a monarquia – o positivismo de Teófilo Braga, origem filosófica do movimento republicano
5. Conclusão

## I – Perspectiva Formal

### 1 – Conceitos básicos – dez categorias mentais e quatro modelos-padrão definidores da cultura portuguesa

p. 23

Entre D. Dinis e Gil Vicente / Luís de Camões, isto é, entre o século XIII e a passagem da primeira metade do século XVI, a cultura portuguesa, reflectindo historicamente o espírito bélico, aventureiro, missionário e cruzadístico do movimento social nacional (guerra de Reconquista, consolidação das fronteiras, guerra contra o mouro invasor, consolidação da independência do Estado face a Castela em Aljubarrota, política de afirmação ultramarina, expansão mundial, criação do Império), viveu o seu período de ouro[[1]](#footnote-1).

No entanto, esta visão, ainda que correcta de um ponto de vista simbólico, padece, porém, de enraizamento excessivo no período dos Descobrimentos e de uma forçada sobrevalorização nos aspectos providencialistas da cultura portuguesa, implicando, por consequência, uma desvalorização dos restantes períodos e das restantes características. Assim, por via de análise mais historicista e menos ideológica, ousamos apresentar outra configuração, fundada em pressupostos mais históricos e menos míticos, segundo a qual cada período da cultura portuguesa vale por si.

Com efeito, naquele período áureo, paradigma mental da história de Portugal, sorte de totem cultural da nacionalidade e da identidade portuguesas, foram criadas e publicadas as obras fundamentais da cultura portuguesa, estabelecedoras doravante do seu complexo quadro mental lírico-espiritual, providencialista, racionalista e modernista, forma *mentis* da cultura portuguesa.

De facto, estruturalmente, a conformação da cultura portuguesa tem-se desenvolvido segundo quatro grandes modelos-padrão:

**Lírico-espiritual** – Privilegiador de aspectos metafísicos, intelectuais, subjectivos, ascéticos, sentimentais e morais da realidade (de [D. Duarte](#DDuarte) e Camões a Sophia de Mello Breyner Anderson e Dalila Pereira da Costa);

**Racionalista** – Privilegiador, menos da ciência pura e mais da prática científica, tendente a destacar os aspectos positivos e materiais da realidade, solucionando-os de um modo prático, fundado na experiência (de [Garcia de Orta](#GarciaOrta) e [Pedro Nunes](#PedroNunes) a Miguel Bombarda, Júlio de Matos e Egas Moniz), bem como a teorizar explicativamente, de um ponto de vista historicista, o movimento dinâmico da sociedade (dos cronistas quinhentistas a [António Sérgio](#AntonioSergio), Abel Salazar, Boaventura de Sousa Santos, [Eduardo Lourenço](#EduardoLourenco) e Vitorino Magalhães Godinho);

**Modernista** – imitador de processos, formas e conteúdos de práticas literárias e culturais europeias (de [Sá de Miranda](#SaMiranda) e Camilo Pessanha ao surrealismo e ao neo-realismo);

**Providencialista** – Privilegiador de aspectos épico-messiânicos da História, destacando-lhe uma visão transcendente e determinista (da *Navegação de S. Brandão* e Bandarra a [Fernando Pessoa](#FernandoPessoa), Agostinho da Silva e Manuel J. Gandra).

p. 24

Estes quatro modelos-padrão têm possuído existência permanente ao longo da nossa história, conformando-a e singularizando-a. Porém a dominância de cada um ou de um par sobre os restantes modelos ou paradigmas culturais vai sofrendo alterações consoante o período analisado, com excepção do primeiro e último períodos: aquele, um vastíssimo e explosivo cruzamento dos quatro modelos, gerador da afirmação de uma nova cultura no mundo, a portuguesa; este, tratado em volume próprio, expressão do tempo do fim da cultura portuguesa tradicional, efeito de uma descristianização acelerada política e culturalmente desorientada desde 1986, ano de adesão de Portugal à Comunidade Europeia.

Neste sentido, é estabelecida a conformação dos padrões (ou grandes modelos) da cultura portuguesa tendo em conta (na linha da História da Cultura de António José Saraiva ou da historiografia filosófica de [Eduardo Lourenço](#EduardoLourenco) em Labirinto da Saudade) a dinâmica da experiência concreta e da dialéctica historicamente evolutiva, detectando, para cada período histórico, o jogo social de forças e a escala hierárquica por que se diferenciam e escalonam os quatro padrões definidores da cultura portuguesa.

Estabelecem-se, assim, para a cultura portuguesa cinco estruturas diferenciadas no tempo:

p. 25

**Primeiro período**

Da formação da nacionalidade até à segunda metade do século XVI, a cultura portuguesa afirma-se criando as grandes obras inaugurais de cada um dos modelos-padrão:

***Espiritualista*** (cantigas de amigo e amor, cancioneiro de Garcia de Resende, o texto *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, «Matéria da Bretanha», *Menina e Moça* de [Bernardim Ribeiro](#BernardimRibeiro), teatro de [Gil Vicente](#GilVicente) – este com um explícito vínculo de denúncia social, traço marcante e permanente da cultura portuguesa – frei Heitor Pinto, Diogo Bernardes, Fernão Mendes Pinto);

***Racionalista*** (*Crónica de D. João*, de Fernão Lopes, crónicas do Descobrimentos, de Zurara, Rui de Pina e João de Barros, obras científicas de Abraão Zacuto, [Pedro Nunes](#PedroNunes), Duarte Pacheco Pereira e [Garcia de Orta](#GarciaOrta));

***Modernista*** ([Sá de Miranda](#SaMiranda), António Ferreira, as estruturas formais da Liríca Camoniana);

***Providencialista*** (as *Trovas de Bandarra* e *Os Lusíadas* de [Luís de Camões](#LuisCamoes)). A excelência deste período é de tal modo exuberante que nenhuma obra se encontra exclusivamente vinculada a um só modelo-padrão;

Diferentemente em quase todas, para além do modelo-padrão nela dominante, se encontram contaminadas pelos restantes modelos;

**Segundo período**

Ao longo do século XVII, *grosso modo*, imperam os padrões ***providencialista*** [legado das *Trovas de Bandarra*, herança do epicismo de [Luís de Camões](#LuisCamoes), crónica maravilhosa de frei Bernardo de Brito, estudos messiânicos de D. João Castro (neto) e frei Sebastião de Paiva, quinto imperialismo do padre António Vieira] e ***espiritualista*** – ([Rodrigues Lobo](#FranciscoRodriguesLobo), literatura de cordel sobre naufrágios, posteriormente inserida na *História Trágico-Marítima*, frei Agostinho da Cruz, D. Francisco Manuel de Melo, António do Rosário), com fortíssimo amortecimento do padrão racionalista do período anterior, provocado:

1. Pelo lento desmembramento da vertente africana e oriental do Império e concentração deste nas riquezas do Brasil,
2. Pela emergência do neo-escolasticismo da Companhia de Jesus, dominante na Universidade de Coimbra,
3. Pela quebra da ousadia critica e científica motivada pelas devassas do Tribunal da Santa Inquisição e do estabelecimento do *Index Censorum*;

p. 26

**Terceiro período**

Ao longo do século XVIII, influenciado pelos ventos franceses dos estudos de Descartes, Pascal e Gassendi, dos ingleses de Harvey (medicina) e Newton, dos italianos de Galileu Galilei e da influência da astronomia de Copérnico e Kepler, isto é, da revolução científica europeia do século anterior, assiste-se pela primeira vez, com um século de atraso face à Europa, à dominância absoluta do ***racionalismo*** (padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, Jacob de Castro Sarmento, [Luís António de Verney](#LuisAntonioVerney), Manuel Azevedo Fortes, padres Inácio Monteiro e Teodoro de Almeida) com a fundação da Academia Real de História, o espírito científico da Congregação do Oratório, fundadora do primeiro laboratório experimental de física e do observatório astronómico do Palácio da Ajuda, e, sobretudo, do consulado do marquês de Pombal e a atribuição dos novos estatutos da Universidade de Coimbra em 1772, bem como a fundação da Academia das Ciências de Lisboa (duque de Lafões, abade Correia da Serra). O ***providencialismo*** é reduzido a uma superstição de povos ignorantes (cujo exemplo maior apontado por Pombal reside na acção e na obra do jesuíta Gabriel Malabrida, garrotado e queimado pela Inquisição pombalina em 1761), o ***espiritualismo*** (a saudade, o lirismo), é substancialmente condenado e desprezado face ao império da veneração da «deusa razão» (o iluminismo católico português); o ***racionalismo*** institucionalmente dominante coexiste com o modernismo (a «Arcádia Lusitana» e a poesia pré-romântica de Bocage e Marquesa de Alorna), a tendência a imitar modelos europeus, nomeadamente franceses, como um dos padrões substanciais da cultura portuguesa; neste período nasce, igualmente, a literatura nativa brasileira em Portugal (frei José de Santa Rita Durão e Basílio da Gama);

p. 27

**Quarto período**

No século XIX, devido às invasões francesas, à instauração do constitucionalismo, à instabilidade política e à guerra civil na primeira metade, seguido de um surto de progresso industrial e tecnológico (o fontismo), assiste-se a um combate entre o ***modernismo*** europeu ([Almeida Garrett](#AlmeidaGarrett), [Alexandre Herculano](#AlexandreHerculano) e [Eça de Queirós](#EcaQueiroz)), o ***racionalismo*** (racionalismo teológico de [Amorim Viana](#AmorimViana), racionalismo positivista de [Teófilo Braga](#TeofiloBraga), os autores naturalistas) o ***espiritualismo*** ([Cunha Seixas](#CunhaSeixas), Domingos Tarrozo, [Camilo Castelo Branco](#CamiloCasteloBranco), [Antero de Quental](#AnteroQuental), [Oliveira Martins](#OliveiraMartins)), findando com o regicídio de 1908 e a instauração da República em 1910;

***Quinto período*** (tratado em volume posterior)

A complexidade do século XX força-nos a separar este período em três fases:

1. na primeira até 1926, domina o ***racionalismo*** positivista, fautor da República, com forte oposição do ***espiritualismo*** lírico-metafísico (Teixeira de Pascoais, Guerra Junqueiro, Leonardo Coimbra) e do ***modernismo*** (Orpheu, de [Fernando Pessoa](#FernandoPessoa) e Mário de Sá-Carneiro);
2. de 1926 até à década de 1960, domina o ***providencialismo*** de Estado, com Oliveira Salazar na chefia e com fortíssima oposição do ***racionalismo*** no campo político e cultural ([António Sérgio](#AntonioSergio), Abel Salazar, Sílvio Lima, Joaquim de Carvalho, Bento de Jesus Caraça, Vasco de Magalhães-Vilhena), do ***espiritualismo*** ***metafísico*** (Álvaro Ribeiro, José Marinho, António Quadros, Orlando Vitorino) e do ***modernismo*** (presencismo, neo-realismo, nova poesia e romance da década de 1950);
3. na terceira fase, entre 1974 e 2000, domina em absoluto o racionalismo europeu ([Eduardo Lourenço](#EduardoLourenco), Boaventura de Sousa Santos, Viriato Soromenho Marques, Manuel Maria Carrilho), com a emergência de uma alternativa providencialista (Agostinho da Silva, António Telmo, Dalila Pereira da Costa, Natália Correia, Manuel j. Gandra) e espiritualista (António Braz Teixeira, Pinharanda Gomes, Carlos H. do C. Silva e Paulo Borges). Na década de 1980, com a entrada de Portugal na Comunidade Europeia, a cultura portuguesa tem vindo a perder a sua singularidade tradicional, integrando-se no movimento cultural geral europeu, dominado em absoluto, em tempo longo, pela descristianização dos costumes, com expresso domínio dos valores do corpo face aos valores do espírito.

p. 28

Assim, a totalidade da cultura portuguesa, enquanto singularidade nacional, definidora da personalidade e idiossincrasia de um povo, possui a sua certidão de baptismo entre os reinados de [D. Dinis](#DDinis) e de D. Manuel – que constitui o tempo de criação, consolidação e registo da nossa identidade nacional e dos traços essenciais da cultura portuguesa.

Com efeito, neste período operou-se a génese, evolução e consolidação de dez categorias essenciais da cultura portuguesa:

1. A criação do carácter lírico da cultura portuguesa registado nos *Cancioneiros* medievais e no de Garcia de Resende;
2. A criação da teoria da *saudade*, espelhada no *Leal Conselheiro* do rei [D. Duarte](#DDuarte);
3. A instauração do ***modernismo cultural português*** por via do *dolce stil nuovo* trazido de Itália e registado nas *Cartas e Sonetos* de [Sá de Miranda](#SaMiranda), veiculadoras da primeira grande *posição crítica do intelectual* português face ao Estado;
4. A primeira grande obra literária de ***espiritualidade*** especificamente portuguesa por via da publicação de *Menina e Moça*, de [Bernardim Ribeiro](#BernardimRibeiro), matriz da exploração psicológica e metafísica do universo interior do português;
5. A criação dramatúrgica de [Gil Vicente](#GilVicente), alto cume do estatuto da literatura como meio da *denúncia social*;
6. A acentuação da vertente fatalística da cultura portuguesa por via da escrita de *A Castro*, de António Ferreira;
7. A primeira grande afirmação do ***messianismo*** e ***providencialismo*** português expressos nas *Trovas*, de Gonçalo Eanes de Trancoso, o Bandarra;
8. A afirmação da vertente narrativa realista da cultura portuguesa por via da publicação das *Crónicas de D. João I*, de Fernão Lopes;
9. O nascimento da vertente *historiográfica* da cultura portuguesa com a escrita das *Crónicas* de Zurara, Rui de Pina e Castanheda e as *Décadas* de João de Barros;
10. Os primeiros grandes estudos científicos da cultura portuguesa por via do *Almanaque* de Abrão Zacuto, do *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira, e das obras matemática e medicinal de Pedro Nunes e Garcia de Orta. Registe-se, no entanto, que, na cultura portuguesa, o espírito literário tem desempenhado um papel mais importante do que o espírito científico.

Este dez elementos enquadram mentalmente toda a produção cultural portuguesa entre a primeira dinastia e finais da primeira metade do século XVI e definem as categorias mentais permanentes que singularizam a cultura portuguesa face às restantes culturas europeias:

1. Um lirismo constitutivo;
2. A saudade como sentimento popular predominante;
3. A imitação de processos estilísticos exteriores e a adopção acrítica de teorias estrangeiras, sempre consideradas superiores às portuguesas;
4. A oposição do intelectual face ao Estado;
5. Uma fortíssima inclinação para a espiritualidade, isto é, a crença em dois princípios metafísicos: a transcendência é superior à imanência e ao espírito do corpo;
6. A literatura como meio de denúncia;
7. O fatalismo, o messianismo e o providencialismo;
8. O realismo social;
9. A fortíssima inclinação para a historiografia, superiorizando os estudos dos especulativos (filosofia e teologia);
10. Uma apenas ligeira inclinação para os estudos científicos, com o predomínio do espírito literário e historiográfico.

Eis, em síntese formal, os quatro modelos-padrão e as dez categorias mentais e sociais configuradoras da cultura portuguesa, cujo cruzamento singular, em cada período histórico, define a(s) face(s) dominante(s) da cultura portuguesa desse período.

O desenvolvimento histórico, entre os séculos XVII e XIX, acrescentou novas cinco categorias, nascidas do confronto (verdadeiro choque cultural) entre a cultura portuguesa e a cultura europeia, como veremos – o decadentismo e o nacionalismo (século XVII), o cientismo (século XVIII), a liberdade e o progresso (século XIX).

### 2 – O intelectual português

p. 31

Cumprindo a sua função, o intelectual, de actividade social marcante na história de Portugal, não tem sido o erudito, o estudioso, o académico, o especulativo, ao modo de Descartes, Kant, Hegel ou Freud, construtores de novos sistemas teóricos, que posteriormente influenciam todas as esferas da actividade humana, revolucionando a sociedade, mas aquele que no seu destino habitual, no seu sofrimento existencial e na sua obra, habitualmente criada em situações pungentes ou dramáticas, se oferece como sentido de uma alternativa pátria, exprimindo uma visão social e cultural que, pragmática ou utópica, não é considerada (até recentemente) como legitimamente válida pelas instituições vigente (o Estado, a Universidade, e a Igreja). Na relação estrutural ou de tempo longo entre o intelectual português e o seu país, aquele, afastado das instituições que regem política e socialmente o todo de Portugal e em sua explícita oposição, por elas perseguido ou delas voluntariamente ausente e distante, tem sofrido na sua vida individual o drama existencial de Portugal, dividido entre u corpo coeso de políticos e funcionários, reitor do destino conjuntural da nação, dominando os rituais do poder e dos costumes, e um grupo culturalmente minoritário que exige para Portugal um modelo social outro, alimentado pela justiça e pelo bem ético. Neste sentido, o modelo existencial que cobre a vida e a obra da quase totalidade dos intelectuais portugueses pode resumir-se em três momentos paradigmáticos:

1. Uma fase de aproximação, de empenhamento e de voluntária adequação ou de tentativa de transformação do destino geral de Portugal;
2. Por motivos circunstanciais, que muito diferem de autor para autor, vinculando-o ao seu tempo, o intelectual português sofre, em certo momento, um profundo desencantamento com o estado conjuntural do país, cuja consciencialização o força:
   1. Ou a desistir de transformar Portugal, interiorizando-se psicologicamente ou exilando-se no estrangeiro ou nos antigos territórios do Império, abandonando o seu antigo empenhamento, concentrando-se na sua obra estética ou filosófica individual;
   2. Ou a reiterar o seu compromisso de transformar Portugal, criando uma obra alternativa à visão social e política dominante;
3. No final da vida ou após a sua morte, a obra do intelectual português é recuperada pelas instituições dominantes do Estado, da Universidade ou da Igreja, que a estatui como um dos mais salientes vectores da cultura portuguesa, tão santificada pelas novas gerações escolares quanto antes fora abominada e desprezada pelas anteriores.

Este triplo movimento, possuidor de uma configuração universalizante, mas também, adequada à existência concreta de cada intelectual português, tem constituído, de certo modo, desde os finais do século XVI até ao 25 de Abril de 1974, devido à contínua repetição das condições sociais e políticas gerias conjunturais, uma recorrente invariável da cultura portuguesa. Em síntese, têm estas condições politicas e sociais gerais obedecido a um modelo cultural e civilizacional de manifesta fidelidade a princípios políticos e religiosos reinantes na Europa do Sul desde o final dos Descobrimentos – e desde este período a intelectualidade portuguesa tem provocado rupturas com esta visão geral do mundo, buscando alternativas que tanto se têm identificado com o racionalismo presente na Europa Central quanto com alternativas genuinamente portuguesas, como o testemunho sobre a «Sétima Idade do Mundo» (Fernão Lopes), a instauração do Quinto Império (Bandarra, Camões, padre António Vieira, Fernando Pessoa, Paulo Borges, Manuel J. Gandra), a «Terceira Idade do Mundo» (rainha Santa Isabel, Agostinho da Silva, Natália Correia) e a reinstauração de uma sociedade ecuménica, fusão das civilizações orientais e ocidentais (Dalila Pereira da Costa, Carlos H. do Silva, Paulo Borges).

# **Reis e Rainhas**

## **D. Dinis (**1278-1325**)**

## **D. Duarte (**1433-1438)

## **D. João IV** (n. 1604 - m. 1656)

***O Restaurador***

Rei de Portugal entre 1640 e 1656. Natural de Vila Viçosa, era filho do sétimo duque de Bragança, D. Teodósio, e de D. Ana de Velasco. Tornou-se o oitavo duque de Bragança em 1630. Casou em 1633 com D. Luísa de Gusmão (filha do duque de Medina-Sidónia). Mantendo inicialmente alguma distância e reserva em relação aos apelos para participar em conspirações contra a coroa espanhola, acabou por participar na última fase da revolta portuguesa contra o domínio espanhol, pondo fim ao reinado português de Filipe III (IV de Espanha).

Foi aclamado rei pelas massas populares, a 1 de Dezembro de 1640, mas, encontrando-se ausente de Lisboa, foi coroado no Terreiro do Paço somente duas semanas mais tarde. A sua primeira acção como monarca foi proceder à estabilização da restauração, iniciando uma estratégia de promoção diplomática, junto de outros países, relativamente às vantagens da independência de Portugal face a Espanha. Fortificou as estruturas de defesa nacional, no sentido de tornar o país capaz de defrontar as forças espanholas, o que aconteceu, de forma favorável a Portugal, logo na batalha do Montijo, em 1644. Reprimiu posições adversas, como a conjura do duque de Caminha e do marquês de Vila Real e outros cúmplices, que foram executados. O seu reinado caracterizou-se igualmente por uma importante actividade legislativa, sempre no sentido de consolidar a restauração, desenvolvendo um esforço político, administrativo, militar, diplomático e legislativo continuado. No domínio da política externa, manteve uma atitude determinada na defesa dos territórios ultramarinos.

Pese embora a conjura de [1641](http://pt.wikipedia.org/wiki/1641) contra o novo rei, da qual resultou uma severa punição para os seus responsáveis, D. João IV teve o apoio da grande maioria da sociedade portuguesa, o que lhe permitiu criar novos impostos, desvalorizar a moeda e recrutar voluntários para fazer face às necessidades monetárias e humanas de um confronto militar que se adivinhava próximo com a vizinha Espanha.

Em 1646, por disposição da sua vontade régia, Nossa Senhora da Conceição foi declarada padroeira de Portugal, tendo-lhe a coroa real sido entregue em Vila Viçosa. Desde D. João IV, nenhum rei voltou a usá-la.

Dotado de talentos intelectuais e artísticos, foi um dos grandes impulsionadores da música, área na qual era versado, conhecendo-se diversos motetes e dois opúsculos (em espanhol) sobre matérias musicais, da sua autoria.

## **D. Manuel** (1495-1521)

# Artes

## Barroco

### Introdução

**Barroco** é o nome dado ao [estilo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estilo_(arte)) artístico que floresceu entre o final do [século XVI](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XVI) e meados do [século XVIII](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XVIII), inicialmente na [Itália](http://pt.wikipedia.org/wiki/It%C3%A1lia), difundindo-se em seguida pelos países [católicos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cat%C3%B3lico) da Europa e da América, antes de atingir, em uma forma modificada, as áreas [protestantes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestante) e alguns pontos do Oriente. Considerado como o estilo correspondente ao [absolutismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Absolutismo) e à [Contra-Reforma](http://pt.wikipedia.org/wiki/Contra-Reforma), distingue-se pelo esplendor exuberante. De certo modo o Barroco foi uma continuação natural do [Renascimento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento), porque ambos os movimentos compartilharam de um profundo interesse pela arte da [Antiguidade](http://pt.wikipedia.org/wiki/Antiguidade) clássica, embora interpretando-a diferentemente, o que teria resultado em diferenças na expressão artística de cada período. Enquanto no Renascimento as qualidades de moderação, economia formal, austeridade, equilíbrio e harmonia eram as mais buscadas, o tratamento barroco de temas idênticos mostrava maior dinamismo, contrastes mais fortes, maior dramaticidade, exuberância e realismo e uma tendência ao decorativo, além de manifestar uma tensão entre o gosto pela materialidade opulenta e as demandas de uma vida espiritual. Mas nem sempre essas características são evidentes ou se apresentam todas ao mesmo tempo. Houve uma grande variedade de abordagens estilísticas, que foram englobadas sob a denominação genérica de "arte barroca", com certas escolas mais próximas do classicismo renascentista e outras mais afastadas dele. As mudanças introduzidas pelo espírito barroco se originaram, pois, de um profundo respeito pelas conquistas das gerações anteriores, e de um desejo de superá-las com a criação de obras originais, dentro de um contexto social e cultural que já se havia modificado profundamente em relação ao período anterior.

O nome "barroco" (provavelmente derivado de *barueco*, a palavra espanhola que designava uma pérola de forma irregular) foi atribuído nos finais do XVIII e possuía alguma intenção pejorativa, uma vez que nessa altura este período era ainda considerado como a fase de decadência do renascimento. Só nos inícios do século XX este estilo é reconhecido como um dos mais importantes da história moderna.

Desenvolvida durante o século XVII, num ambiente dominado pelos progressos científicos, pela consolidação das grandes monarquias absolutistas, pelo movimento da contra-reforma da igreja católica e pela expansão protestante nos países nórdicos, a arte barroca prolongou-se pelo século XVIII em muitos países. O estilo barroco nasceu em Itália, a partir das experiências maneiristas de finais do século XVI e expandiu-se rapidamente para outros países europeus, atingindo mais tarde as colónias espanholas e portuguesas da América Latina e da Ásia.

Apesar das diferentes interpretações que se verificaram nos diferentes países e regiões, determinadas por diferentes contextos políticos, religiosos e culturais, este estilo apresentou algumas características comuns, como a tendência para a representação realista, a procura do movimento e do infinito, a importância cenográfica dos contrastes luminosos, o gosto pelo teatral, a tentativa de integração das diferentes disciplinas artísticas.

### Etimologia

Usualmente, considera-se que termo "barroco" advém da palavra portuguesa homónima que significa "pérola imperfeita". Segundo outras opiniões, porém, o termo tem origem na fórmula mnemotécnica BAROCO, usada pelos [escolásticos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escol%C3%A1stica) para designar um dos [modos do silogismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Silogismo#Figuras_e_modos_do_silogismo), o que daria ao termo um sentido pejorativo de [raciocínio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Racioc%C3%ADnio) estranho, tortuoso, que confunde o falso com o verdadeiro. A palavra foi rapidamente introduzida nas línguas francesa e italiana mas, nas [artes plásticas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Artes_pl%C3%A1sticas), só foi usada no fim do período em questão, pelos críticos dos excessos e irregularidades de um estilo já então decadente e visto como uma simples degeneração dos princípios clássicos. A carga pejorativa que se ligou ao conceito de Barroco só começou a ser dissolvida em meados do [século XIX](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XIX), a partir dos estudos de [Jacob Burckhardt](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacob_Burckhardt),[[2]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco#cite_note-1) mas em especial no livro *Renascimento e Barroco* ([1888](http://pt.wikipedia.org/wiki/1888)), de [Heinrich Wölfflin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Heinrich_W%C3%B6lfflin).

O conceito só foi positivamente formulado por Wölfflin no final do [século XIX](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XIX). [Críticos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADtico_de_arte) e [historiadores da arte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_arte) contemporâneos contestam, no entanto, a existência do "barroco" como um [movimento artístico](http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_art%C3%ADstico), considerando, em primeiro lugar, que o termo nunca existiu durante o período histórico a que se refere. Entre [c.](http://pt.wikipedia.org/wiki/C.) [1580](http://pt.wikipedia.org/wiki/1580) e a metade do século XVIII, nenhum texto ou obra se afirma como "barroco". Segundo Leon Kossovitch, *"somos nós, enquanto periodizadores, que inventamos essa categoria de pensamento"*. Kossovitch conclui que essa operação periodizadora é *"absolutamente nefasta"*, por achatar as diferenças, forçando unificações. Essa unificação forçada teria levado Wölfflin a excluir [Nicolas Poussin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolas_Poussin) do seu esquema, por não se encaixar no seu "barroco".[[4]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco#cite_note-3) Assim, segundo a crítica, "barroco" seria uma [categoria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria_(filosofia)) [neokantiana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Neokantismo) [apriorística](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_priori), engendrada com base no esquema wölffliniano de cinco pares de oposições entre "[clássico](http://pt.wikipedia.org/wiki/Classicismo)" e "barroco". Tal esquema, quando aplicado [dedutivamente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dedu%C3%A7%C3%A3o) a estilos de algumas artes plásticas dos [séculos XVI](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XVI) e [XVII](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XVII), teria resultado no estabelecimento de uma ordenação linear dos estilos artísticos - em que o clássico necessariamente precede o barroco - não sendo admitida a coexistência, na mesma época, de múltiplos estilos, o que, sempre segundo a crítica, seria historicamente observável, [e.g.](http://pt.wikipedia.org/wiki/E.g.), em [Michelangelo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Michelangelo), [Caravaggio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Caravaggio), [Poussin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Poussin) e [Bernini](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bernini)

### Arquitectura

Durante o período barroco, duas tipologias protagonizaram as pesquisas formais e construtivas: o palácio e a igreja. Os arquitectos barrocos entendiam o edifício de forma integrada, como se fosse uma grande escultura, única e indivisível. A sua forma era ditada por complexos traçados geométricos (muitas vezes baseados em formas curvas e em ovais) que imprimiam qualidades dinâmicas aos espaços e às fachadas. Paralelamente abandonaram-se os rígidos esquemas compositivos baseados nas ordens clássicas.

O Barroco nasceu em Itália, mais especificamente na Roma Papal seiscentista. Três arquitectos protagonizaram o desenvolvimento deste estilo: Gian Lorenzo Bernini, o mais monumental, Borromini, mais original e Piero da Cortona. A pequena igreja de San Carlo alle Quatro Fontane, projecta em 1665 por Borromini, constituiu um dos mais notáveis edifícios construídos neste período pela extrema complexidade e dinâmica da planta, pela total subversão das regras tradicionais e pela forma ondulante das paredes. Fora de Roma, destaque para a igreja de Santa Maria della Salute, de Veneza, projectada por Baldassare Longhena e para os trabalhos de Guarino Guarini, de inspiração borrominiana, como a Capella della Santa Sindone, em Turim.

### Artes plásticas e decorativas

No campo pictórico assistiu-se, neste período, para além da transformação estilística, ao alargamento dos géneros e das próprias dimensões da pintura, de forma a integrar organicamente os espaços arquitectónicos. Esta pintura em *trompe l'oeil*, aplicada em paredes e tetos constituiu uma das mais originais contribuições do Barroco.

O mais influente pintor deste período foi o italiano Caravaggio, famoso pelas pinturas religiosas nas quais os contrastes entre a luz e sombra na modelação dos corpos e dos espaços introduzem uma atmosfera dramática de intensa espiritualidade.

A escultura barroca encontrou o seu paroxismo nas obras do italiano Gian Lorenzo Bernini, caracterizadas pelo virtuosismo técnico e pela tentativa de captar o movimento em momentos fugidios, caso das peças "Apolo e Dafné", realizada entre 1622 e 1624 ou no "Êxtase de Santa Teresa", de 1645.

### Literatura

Vários países aderiram ao movimento na Europa. Referimos as designações que o classificaram a partir de obras literárias: na Inglaterra foi designado eufuísmo (da obra *Euphues* de John Lyly, incluindo-se Milton na literatura e Haendel - compositor alemão que se radicou nas Ilhas Britânicas - na música); na Itália surgiu a designação de marinismo (de *Giambattista Marino*, a que se juntaram Tassoni e Palavicini); Hoffmann e Lohenstein da segunda escola da Silésia e, principalmente, Angelus Silesius divulgam o movimento da escola com o nome de silesianismo; na França, Molière desvia-se dos grandes clássicos, como Corneille, Racine, Boileau, Bossuet, e ridiculariza a vida de salão, as "preciosas ridículas", em *Sabichonas*, e o movimento surge com o nome de *preciosismo*; na Espanha, apesar da excelência dramática de Tirso de Molina, Lope de Vega e Calderón de La Barca, o movimento desponta com Luís de Gôngora em *Saudades*, a *Fábula de Polifemo y Galateia*, surgindo a designação de Gongorismo. Portugal adere, também, como podemos ver em *Lampadário de Cristal* de Jerónimo Baía, superlativando o real quotidiano, e aceita o nome que a Espanha dera ao movimento.

Acentua-se o emprego dos recursos estilísticos, nomeadamente metáforas, paronímias, hipérbatos, comparações, anáforas, hipérboles, antíteses, assíndetos, catacreses, pleonasmos, perífrases, trocadilhos, a assimetria, o geometrismo, o predomínio da ordem imaginativa sobre a lógica, os conceitos com o seu engenho e agudeza com vista à novidade e ao inusitado. Entre outros, refira-se o soneto de Jerónimo Baía, no qual cada verso é composto de duas metades que formam um todo, afirmando o geometrismo formal.

Barroca, também, a forma como é transmitida a doutrina espiritual, cultivando o medo do inferno, como se pode ver na prosa de Manuel Bernardes e Frei António das Chagas. De cariz barroco é a obra moralista como a vemos representada por D. Francisco Manuel de Melo (*Feira de Anexins*, *Apólogos Dialogais*, *Carta de Guia de Casados*), em Manuel Bernardes na *Nova Floresta*, nos *Sermões* de António Vieira, na *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo.

Este movimento que, no século XVII, entre nós, floresceu em pleno nas várias artes, na poesia em vários poetas, com especial relevo em Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Melo, entra em declínio no século XVIII, dando origem ao estilo rococó, o mesmo acontecendo na literatura brasileira, que desperta no século XVII com marcas do Barroco de escritores portugueses e espanhóis. Entre nós, *A Arte Poética* de José Freire, em 1739, é o primeiro grande golpe dado no seiscentismo; depois, é a publicação do *Verdadeiro Método de Estudar* de Verney em 1746 e, por último, a fundação da Arcádia Ulissiponense em 1756.

### em Portugal

O **barroco em Portugal** desenvolve-se entre [1580](http://pt.wikipedia.org/wiki/1580) e [1756](http://pt.wikipedia.org/wiki/1756). Em 1580, Portugal perde sua autonomia como país, passando a integrar o reino da Espanha. Em 1756 funda-se a Arcádia Lusitana – uma academia poética -, e tem início um novo estilo: o Arcadismo.

Ao contrário do resto da Europa (onde se vivia um forte sistema político [absolutista](http://pt.wikipedia.org/wiki/Absolutismo)) o Barroco português não se inicia em [1600](http://pt.wikipedia.org/wiki/1600). Portugal encontra-se nesta época em profunda crise política, económica e de identidade social; provocada principalmente pela perda do trono para [Felipe II de Espanha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Felipe_II_de_Espanha). A nobreza abandona as cidades, saindo para o campo, levando pequenas cortes consigo, desta forma tentando preservar a identidade sócio-cultural portuguesa. Fechados às influências de Espanha, encontram-se também fechados ao mundo. É nesta época que nasce a [Arquitectura Chã](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitectura_Ch%C3%A3).

O Barroco como estilo arquitectónico exige dinheiro que Portugal, após a perda do [Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil) para os holandeses, não tinha. A economia não era sustentável porque grande parte da riqueza nacional baseava-se no ouro e nas pedras vindas do Brasil, com as quais se comprava todos os bens de consumo que não eram produzidos no país. Só no fim do [século XVII](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XVII) a crise económica do país melhora, remetendo, no entanto, para uma situação semelhante à do reinado de [D. Manuel](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Manuel).

Na continuação da corrente absolutista vivida já no resto da Europa, [D. Pedro II](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Pedro_II) depõe o irmão [D. Afonso VI](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Afonso_VI), alegando-o incapaz de governar e de comandar o reino.

A arquitectura Barroca em Portugal tem uma situação muito particular e uma periodização diferente do resto da Europa. É condicionada por diversos factores políticos, artísticos e económicos que originam várias fases e diferentes tipos de influências exteriores, resultando numa mistura original, frequentemente mal compreendida por quem procura ver arte italiana, mas com formas e carácter próprios. [](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Palacio_de_Mateus_02.JPG)

Ilustração - Palácio de Mateus presumivelmente desenhado pelo arquitecto Nicolau Nasoni no século XVIII, Vila Real.

Inicia-se numa conjuntura complicada, com o esforço financeiro do reino canalizado para a guerra de independência, após 60 anos de reis espanhóis ([D. Filipe I](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Filipe_I), [II](http://pt.wikipedia.org/wiki/Filipe_II) e [III](http://pt.wikipedia.org/wiki/Filipe_III)). Outro factor fundamental é a existência da [arquitectura Jesuítica](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arquitectura_Jesu%C3%ADtica&action=edit&redlink=1), também a chamada [Arquitectura Chã](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitectura_Ch%C3%A3). São edifícios basilicais de nave única, capela-mor profunda, naves laterais transformadas em capelas interligadas (pequenas portas de comunicação), interior sem decoração e exterior com portal janelas e muito simples. É um tipo de edifício muito prático, permitindo ser construído por todo o império com pequenas adaptações, e pronto a receber decoração quando se pensar seras da época e o fausto a que o reino chegou. A [talha dourada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Talha_dourada) assume características nacionais e posteriormente "joaninas" devido à importância e riqueza dos programas decorativos. A pintura, escultura, artes decorativas e [azulejo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Azulejo) também atravessam uma época de grande desenvolvimento.

O barroco na verdade não sente grande falta de edifícios porque permite transformar através da talha dourada, (pintura, azulejo, etc.) espaços áridos em aparatosos cenários decorativos. O mesmo se poderia aplicar aos exteriores. Permitem posteriormente aplicar decoração ou simplesmente construir o mesmo tipo de edifício adaptando a decoração ao gosto da época e do local. Prático e económico.

#### O Grande Barroco

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SGeraldoInteriorBraga.jpg)Após o fim da guerra de restauração da independência e depois da crise de sucessão entre [D. Afonso VI](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Afonso_VI) e [D. Pedro II](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Pedro_II), [Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal) estava pronto para o grande barroco. Inicia-se de modo tímido, fugindo aos modelos maneirista, tentando animar e modernizar as novas construções, recorrendo à planta centrada e a decorações menos austeras, destacando-se a Igreja de Santa Engrácia em [Lisboa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa), de [João Nunes Tinoco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Nunes_Tinoco) e [João Antunes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Antunes). Santa Engrácia é um edifício imponente, de formas curvas e geométricas, de planta centrada, coroado por uma imponente cúpula (terminada apenas no século XX), decorado por mármores coloridos e impondo-se à cidade.

Ilustração - Talha dourada no interior da Sé de Braga

No reinado de [D. João V](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Jo%C3%A3o_V) o barroco vive uma época de esplendor e riqueza completamente novas em [Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal). Apesar de o [terremoto de 1755](http://pt.wikipedia.org/wiki/Terremoto_de_1755) ter destruído muitos edifícios, o que chegou aos nossos dias ainda é impressionante. O [Paço da Ribeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pa%C3%A7o_da_Ribeira), a Capela real (destruídos no terremoto) e o [Palácio Nacional de Mafra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_Nacional_de_Mafra), são as principais obras do rei. O [Aqueduto das Águas Livres](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aqueduto_das_%C3%81guas_Livres) pretende trazer para [Lisboa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa) água numa distancia de cerca de 18 quilómetros, merecendo destaque o destroços sobre o vale de Alcântara devido à monumentalidade dos seus arcos originais e imponência do conjunto. No entanto, um pouco por todo o país são visíveis as marcas da época e o fausto a que o reino chegou. A [talha dourada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Talha_dourada) assume características nacionais e posteriormente “joaninas” devido à importância e riqueza dos programas decorativos. A pintura, escultura, artes decorativas e [azulejo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Azulejo) também atravessam uma época de grande desenvolvimento.

#### Palácio de Mafra

O [Palácio Nacional de Mafra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_Nacional_de_Mafra) é o mais internacional dos edifícios barrocos portugueses e, no seguimento da moda entre os monarcas europeus, reflecte a arquitectura absolutista, iniciada no Palácio de Versalhes em França. Constituído por um palácio real, uma basílica e um convento, resulta de uma promessa feita pelo rei em relação à sua sucessão. Com projecto de [João Frederico Ludovice](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Frederico_Ludovice) (Johann Friedrich Ludwig), arquitecto alemão estabelecido em Portugal, inicia as obras em 1717 e termina em 1730. É um edifício imenso. Possui na fachada dois torreões, inspirados no desaparecido torreão do [Paço da Ribeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pa%C3%A7o_da_Ribeira), com a basílica ao centro e duas torres sineiras dominadas por uma imponente cúpula. Por trás fica o mosteiro de modo a que não seja visto da rua. O conjunto é visível do mar, funcionando como um marco territorial, e utilizado como residência de verão da corte. Sabe-se que o rei queria construir uma igreja ainda maior que o Vaticano, mas ao saber que foi necessário mais de um século mudou de ideias. No seu conjunto além da basílica destacam-se, ainda, a biblioteca os cinco órgãos da igreja e os dois carrilhões.

#### Norte de Portugal

No norte de [Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal) as construções barrocas são numerosas. Com mais população e maiores recursos económicos, o norte, nomeadamente as zonas do [Porto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto) e de [Braga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Braga), assistiu a uma renovação arquitectónica, visível numerosa lista de igrejas conventos e palácios da aristocracia. A cidade do [Porto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto) (classificada património da humanidade pela UNESCO) é a cidade do barroco. Destaca-se a obra do muito produtivo [Nicolau Nasoni](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolau_Nasoni), arquitecto italiano radicado em [Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal), e edifícios originais e de bom enquadramento cenográfico como a igreja e [torre dos Clérigos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_dos_Cl%C3%A9rigos), a galilé da [Sé do Porto](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9_do_Porto), [Igreja da Misericórdia do Porto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_da_Miseric%C3%B3rdia_do_Porto), [Palácio de São João Novo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Novo), [Palácio do Freixo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_do_Freixo), [Paço Episcopal do Porto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pa%C3%A7o_Episcopal_do_Porto), [Templo do Bom Jesus da Cruz em Barcelos](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Templo_do_Bom_Jesus_da_Cruz_em_Barcelos&action=edit&redlink=1) e muitos outros.

#### Literatura

A literatura barroca portuguesa foi impressa principalmente em duas antologias: [Fénix\_Renascida](http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A9nix_Renascida) e [Postilhão\_de\_Apolo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Postilh%C3%A3o_de_Apolo), que reuniu autores como: [D. Francisco Manuel de Melo](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Francisco_Manuel_de_Melo), [Jerónimo Baía](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B3nimo_Ba%C3%ADa), Soror [Violante do Céu](http://pt.wikipedia.org/wiki/Violante_do_C%C3%A9u), António da Fonseca Soares (Frei [António das Chagas](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ant%C3%B3nio_das_Chagas&action=edit&redlink=1)), D. Tomás de Noronha, Diogo Camacho e [António Barbosa Bacelar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Barbosa_Bacelar), [Eusébio de Matos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio_de_Matos), [Bernardo Vieira Ravasco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bernardo_Vieira_Ravasco), [Francisco Rodrigues Lobo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Rodrigues_Lobo) e D. Francisco Xavier de Meneses, entre outros. Além desses poetas, destaca-se igualmente o [padre Antônio Vieira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Padre_Ant%C3%B4nio_Vieira), que participa tanto da história da literatura portuguesa quanto da literatura brasileira, e a escritora [sóror Mariana Alcoforado](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3ror_Mariana_Alcoforado).

### Imagens

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cortona_Triumph_of_Divine_Providence_01b.jpg)

Ilustração Pietro da Cortona: O triunfo da Divina Providência, 1633-1639. Afresco em teto do Palazzo Barberini, Roma

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Angelo_Bronzino_001.jpg)

Ilustração Agnolo Bronzino: Alegoria do triunfo de Vênus, 1540-1545, uma típica obra maneirista. National Gallery of London

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Andrea_Pozzo_-_Apoteose_de_Santo_Inacio.jpg)

Ilustração - Andrea Pozzo: Apoteose de Santo Inácio, teto da Igreja de Santo Inácio de Loyola, Roma

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Charles_Le_Brun_001.jpg)

Ilustração - Charles Le Brun: A apoteose de Luís XIV, 1677. A arte acadêmica a serviço do Estado

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rubens_-_The_Consequences_of_War.jpg)

Ilustração - Rubens: As consequências da guerra, 1637-38. Palazzo Pitti, Florença

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bernini_-_Santa_Teresa_em_extase.jpg)

Ilustração - Bernini: Êxtase de Santa Teresa, 1625

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:StFranciscoChurch2-CCBY.jpg)

Ilustração - Interior da Igreja de São Francisco, Salvador

*Barroco*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-07-24].Disponível na www: <URL: http://www.infopedia.pt/$barroco>.

Barroco In Wikipedia [Em linha]. [Consult. 2011-07-24].Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco>

# Lista Onomástica

Alexandre Herculano

Almeida Garrett

Amorim Viana

Antero de Quental

António Sérgio

Bernardim Ribeiro

*Menina e Moça*

Camilo Castelo Branco

Cesário Verde

Cunha Seixas

“Princípios Gerais de Filosofia”, 1878/1897

Eça de Queiroz

“Cidade como lugar de esquizofrenia” [A Cidade e as Serras]

Eduardo Lourenço

Fernando Pessoa

## Francisco Manuel de Melo (1608-1666)

**D. Francisco Manuel de Melo**

([Lisboa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa), [23 de Novembro](http://pt.wikipedia.org/wiki/23_de_Novembro) de [1608](http://pt.wikipedia.org/wiki/1608) – [24 de Agosto](http://pt.wikipedia.org/wiki/24_de_Agosto) de [1666](http://pt.wikipedia.org/wiki/1666))

Foi um [escritor](http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura), [político](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica) e [militar](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra) [português](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal), ainda que pertença, de igual modo, à história literária, política e militar da [Espanha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Espanha). Historiador, pedagogo, moralista, autor teatral, epistológrafo e poeta, foi representante máximo da literatura barroca peninsular. Dedicou-se à [poesia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Poesia), ao [teatro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro), à [história](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria) e à [epistolografia](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Epistolografia&action=edit&redlink=1). Tendo publicado cerca de duas dezenas de obras durante a sua vida, foi ainda autor de outras, publicadas postumamente. Aliou ao estilo e temática barroca (a instabilidade do mundo e da fortuna, numa visão religiosa) o seu cosmopolitismo e espírito galante, próprio da aristocracia de onde provinha. Entre suas obras mais importantes, pode-se destacar o texto moralista da “[Carta de Guia de Casados](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_de_Guia_de_Casados)” ou a peça de teatro “Fidalgo Aprendiz” (que é uma "Farsa", como foi descrita pelo seu autor desde o início e não um "Auto" como tem vindo a ser designada por edições recentes).

Nasceu em Lisboa numa família de alta fidalguia. Seu pai D. Luis de Melo, militar, morre em 1615, na ilha de São Miguel, deixando a par de D. Francisco com 7 anos de idade, uma filha, Isabel. A mãe, Dona Maria de Toledo de Maçuellos, era filha dum "alcalde mayor" d'Alcalá de Henares, e neta do cronista e gramático português Duarte Nunes de Leão. Pensa-se que terá tido a sua educação académica num colégio de [Jesuítas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesu%C3%ADta) (provavelmente, no colégio jesuíta de Santo Antão, onde terá estudado humanidades), e adquiriu uma erudição que se tornaria patente nas obras. Como pretendia seguir a carreira das armas, a exemplo do pai, estudou [matemática](http://pt.wikipedia.org/wiki/Matem%C3%A1tica). Começou, desde cedo, a frequentar a corte.

Seguiu a vida militar a serviço da armada espanhola em [Flandres](http://pt.wikipedia.org/wiki/Flandres) e na [Catalunha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Catalunha). O episódio mais famoso do período ocorreu em [1627](http://pt.wikipedia.org/wiki/1627), descrito na sua “Epanáfora Trágica”: estando a servir na esquadra comandada por [D. Manuel de Meneses](http://pt.wikipedia.org/wiki/D._Manuel_de_Meneses), esteve perto de naufragar no [Golfo da Biscaia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Golfo_da_Biscaia), tendo atingido a custo a costa francesa. Pouco depois, em [1629](http://pt.wikipedia.org/wiki/1629), combateu, vitoriosamente, corsários turcos num combate naval no [Mar Mediterrâneo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mar_Mediterr%C3%A2neo) e foi armado cavaleiro. Em [1631](http://pt.wikipedia.org/wiki/1631) recebeu a [ordem de Cristo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_de_Cristo) das mãos de [Filipe IV de Espanha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Filipe_IV_de_Espanha). A sua presença na corte de Madrid torna-se constante. Capital do Império, a cidade assumia-se como o grande centro político e cultural da Península. D. Francisco Manuel de Melo entrou aí em contacto com os mais eminentes intelectuais, incluindo o célebre [Francisco de Quevedo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Quevedo).

Em [1637](http://pt.wikipedia.org/wiki/1637) tinha participado na pacificação da [revolta de Évora](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_do_Manuelinho), acontecimento que viria a preparar a [Restauração](http://pt.wikipedia.org/wiki/Restaura%C3%A7%C3%A3o) portuguesa. Assim que esta foi declarada por [D. João IV](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_IV_de_Portugal), a coroa espanhola manda prendê-lo por suspeitar do seu envolvimento na revolução em solo luso. Tendo-lhe sido autorizado deslocar-se para a Flandres, fugiu daí para [Inglaterra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Inglaterra), de onde regressou a Portugal. Em [1641](http://pt.wikipedia.org/wiki/1641), livre, foi encarregado de missões diplomáticas em [Paris](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paris), [Londres](http://pt.wikipedia.org/wiki/Londres), [Roma](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roma) e [Haia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Haia). Neste ano aderiu à causa do rei português, D. João IV, a quem prestará os seus serviços, a nível militar e diplomático.

### Poesia

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Finis_gloriae_mundi_from_Juan_Valdez_Leal.jpg)Em [1628](http://pt.wikipedia.org/wiki/1628), publicou um conjunto de [sonetos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Soneto). É, contudo, nas suas “Obras Métricas” ([Lyon](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lyon), [1665](http://pt.wikipedia.org/wiki/1665)), que o autor se mostra digno representante do estilo barroco, espelhando igualmente a influência do [renascimento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento) e [maneirismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maneirismo) português. Entre a obra poética publicada neste volume encontra-se também o “Auto do Fidalgo Aprendiz”, já que está escrito em verso.

Ilustração - ”Finis Gloriae Mundi”, de Juan Valdez Leal: exemplo, na pintura, da concepção barroca do mundo e do tema da transitoridade, também presente na poesia de D. Francisco Manuel de Melo

O tema do desconcerto do mundo predomina na sua poesia, tal como na generalidade da poesia e arte [barroca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco). Muito do que conhecemos da sua biografia advém da interpretação de muitas das passagens reflexivas e meditações morais da sua obra poética. Esta, está dividida em três partes: a primeira e a terceira, em castelhano e a segunda em português, contendo sonetos, [éclogas](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89cloga), [romances](http://pt.wikipedia.org/wiki/Romance) e [trovas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Trova). A primeira parte, “Las três musas del Melodino”, publicada pela primeira vez em Lisboa em [1649](http://pt.wikipedia.org/wiki/1649), está dividida em “El harpa de Melpómene”, “La cítara de Erato” e “La tiorba de Polymnia”. A segunda parte, em língua portuguesa, designada por “As Segundas Três Musas do Melodino” que se dividem em “A Tuba de Calíope”, “A Sanfonha de Euterpe” e “A Viola de Talia”. A terceira parte, de novo em castelhano, designada por “El Tercer Coro de las Musas del Melodino”, divide-se em “La Lira de Clio”, “La Avena de Tersicore” e “La Fistula de Urania”.

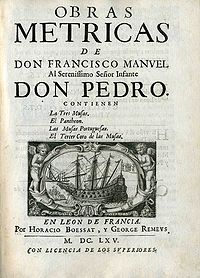
[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Francisco_Manuel_de_Melo._Obras_m%C3%A9tricas._Lyon,_1665.jpg)Em “A Tuba de Calíope”, cerca de cem sonetos transmitem as suas reflexões que aliam o humor irónico ao pessimismo barroco, através de sentenças moralistas típicas do autor. Na “Sanfonha de Euterpe” encontramos o famoso poema “Canto da Babilónia”, inspirado na não menos célebre redondilha “Babel e Sião” de [Luís Vaz de Camões](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Vaz_de_Cam%C3%B5es). As éclogas “Casamento”, “Temperança” e “Rústica”, influenciadas pelo estilo de [Sá de Miranda](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1_de_Miranda), encontram-se no mesmo volume.

Ilustração - Francisco Manuel de Melo. Obras métricas. Lyon, 1665

O tema da [morte](http://pt.wikipedia.org/wiki/Morte) está diversas vezes presente, como no soneto “Vi eu um dia a Morte andar folgando”, onde se reflecte sobre o poder desordenador, caótico e desequilibrado que a morte impõe ao mundo dos vivos e incautos. O soneto, com a sua forma limitada a catorze versos, vai ao encontro do poder de síntese próprio do autor. É frequente um estilo coloquial que se verifica noutros sonetos, como no “Que vos hei-de mandar de [Caparica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Caparica)”, que não é mais que uma carta de Natal a uma prima, na altura em que esteve preso.

### [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/9/9e/Fidalgo_aprendiz.JPG/220px-Fidalgo_aprendiz.JPG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fidalgo_aprendiz.JPG)Teatro

O teatro português da época estava numa fase pouco criativa, apesar de se representarem muitos [autos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Auto) populares nas ruas e feiras, e [tragédias](http://pt.wikipedia.org/wiki/Trag%C3%A9dia) clássicas nos colégios dos jesuítas, como aquele em que D. Francisco estudou. Imitava-se e adaptava-se muito o que era feito em Espanha.

Escrito anteriormente a 1646, na Torre Velha, o *Auto do Fidalgo Aprendiz*, publicado pela primeira vez, nas suas *Obras métricas* em [1665](http://pt.wikipedia.org/wiki/1665), satiriza a fidalguia provinciana. Ainda que seja duvidosa a influência directa, há quem a estabeleça com a obra de [Molière](http://pt.wikipedia.org/wiki/Moli%C3%A8re), *Le Bourgeois Gentilhomme* – é provável que os dois dramaturgos tenham trocado impressões e ideias que tenham resultado em obras semelhantes. Apesar de D. Francisco ter escrito muitas mais peças (entre as que se perderam, podemos contar algumas das quais nem sequer conhecemos o nome), esta é a mais conhecida da sua produção teatral. Segue a tradição [vincentina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gil_Vicente) (a sátira, a crítica social, o uso da [redondilha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Redondilha) – nota-se também a influência, no tema, da farsa “Quem tem farelos?”), ainda que denote claras influências do teatro espanhol (e, em especial de [Lope de Vega](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lope_de_Vega), como se verifica na divisão da peça em “jornadas”). Os equívocos e cenas ao estilo de “[capa e espada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Capa_e_espada)” eram também inovadores em Portugal, apesar de já serem recursos frequentes no teatro castelhano.

Ilustração - Frontispício do Auto do Fidalgo Aprendiz

### [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/9/96/Apologos_Dialogaes_de_Francisco_Manuel_de_Melo.JPG/220px-Apologos_Dialogaes_de_Francisco_Manuel_de_Melo.JPG](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Apologos_Dialogaes_de_Francisco_Manuel_de_Melo.JPG)Apólogos Dialogais

Os quatro “Apólogos Dialogais”, de [1721](http://pt.wikipedia.org/wiki/1721), juntam várias obras: textos de crítica social e moral (“Relógios Falantes”, “Escritório do Avarento”, “Visita das Fontes”) e de crítica literária (“Hospital das Letras”, escrito em [1657](http://pt.wikipedia.org/wiki/1657), é considerado a primeira obra de crítica literária verdadeiramente estruturada, em português).

Ilustração - Página de rosto dos Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo

Os [apólogos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ap%C3%B3logo), considerados pelo próprio D. Francisco como obras “esquisitas”, consistem em diálogos entre objectos (excepto o “Hospital de Letras”, onde o diálogo é estabelecido entre os autores [Trajano Bocalino](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Trajano_Bocalino&action=edit&redlink=1), [Justo Lípsio](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Justo_L%C3%ADpsio&action=edit&redlink=1), Francisco Quevedo e o próprio D. Francisco Manuel de Melo), muito apreciados pelo seu refinamento palaciano e ironias subtis. O autor serve-se para fazer uma crítica de costumes não demasiado corrosiva, diplomática, até, ainda que recorrendo à [sátira](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1tira).

Em “Relógios falantes” o autor põe a discutir dois relógios de igreja - da Igreja das Chagas e da vila de Belas, representando a cidade e o campo – de forma a fazer ressaltar que em todos os sítios onde vivem homens (seja no meio [campesino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campon%C3%AAs) ou no meio urbano) existe hipocrisia e frivolidade.

Em “Escritório do Avarento” são quatro moedas, numa gaveta de um avarento, que discutem a corrupção.

E “Visita das fontes”, conversam a Fonte Nova do [Terreiro do Paço](http://pt.wikipedia.org/wiki/Terreiro_do_Pa%C3%A7o), a Fonte Velha do Rossio, a Estátua de Apolo, que ornamenta a primeira e o sentinela que guarda a fonte. Aqui, num lugar bastante concorrido da época, são classificados os transeuntes consoante os seus vícios, fazendo-se um retrato satírico da sociedade lisboeta da época.

No “Hospital de Letras”, além de se apontarem defeitos dos autores nacionais, são elogiados [Gil Vicente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gil_Vicente), [Sá de Miranda](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1_de_Miranda), [Luís de Camões](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_de_Cam%C3%B5es), [António Ribeiro Chiado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Ribeiro_Chiado), [Jorge Ferreira de Vasconcelos](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jorge_Ferreira_de_Vasconcelos&action=edit&redlink=1), entre outros.

### Carta de Guia de Casados

A “Carta de Guia de Casados” (publicado em Lisboa em 1651), de carácter moralista, é uma das suas obras maiores, onde tece considerações sobre a vida conjugal e familiar. Foi escrita a pensar num amigo que se ia casar. Datada nas opções que defende (dentro de um espírito marialva e [machista](http://pt.wikipedia.org/wiki/Machismo)), a “Carta” é ainda lida pelo seu rigor estilístico, pormenores anedóticos e passagens maliciosas que alternam com passagens mais demonstrativas e axiomáticas (com uma larga profusão de [provérbios](http://pt.wikipedia.org/wiki/Prov%C3%A9rbio)).

Apesar de estar escrita em forma de carta, o que poderia levá-la a ser classificada no género epistolar, a “Carta”, pela sua extensão, é considerada, acima de tudo, um tratado de moral onde se defende o “[casamento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Casamento) de razão” em detrimento do casamento originado pela paixão, considerado por ele apenas um acto irracional que leva facilmente a uma vida conjugal instável e infeliz (“amores que a muitos mais empeceram que aproveitaram”), ao contrário do casamento que se funda apenas no “amor-amizade” que, ao longo do tempo se vai afirmando pelo respeito mútuo e por uma intimidade crescente. A mulher é descrita nesta obra como o elemento que se deve submeter à autoridade do marido – não nega, contudo, as capacidades intelectuais femininas – é, até, dito que a mulher tem faculdades mentais em muitos aspectos superiores aos homens – o que as tornariam, por consequência, mais perigosas: “aquela sua agilidade no perceber e discorrer em que nos fazem vantagens é necessário temperá-la com grande cautela”. O autor defende, por isso, que a mulher não deve cultivar demasiado a sua inteligência e que os únicos livros a ela adequados são “a almofada de coser”. Ao homem, cabe ser sério, fugir dos vícios e dedicar-se ao lar e à esposa. Reflexos da época, contudo, são perdoados alguns deslizes do marido (sendo dados, mesmo, alguns conselhos em relação aos filhos bastardos). Alguns dos provérbios desta obra ficaram famosos, como o “Que Deus me guarde de mula que faz him e de mulher que sabe latim”.

É interessante verificar que todo o texto se assume como conselhos de um solteiro para outro solteiro – uma conversa de homens que, eventualmente, poderá ser lido por alguma mulher. Talvez por isso o livro acabe por não ofender ninguém – afinal, o autor não tinha experiência directa sobre o assunto tratado e assume isso claramente. Já nas suas “Obras Métricas”, a primeira écloga é sobre o casamento. Usando o verso heptassílabo, também usado por [Bernardim Ribeiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bernardim_Ribeiro) e Francisco Sá de Miranda, durante o [século XVI](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XVI), D. Francisco quase que resume as suas teorias neste pequeno excerto:

“André quer mulher fermosa,

Mas que não tenha ceitil;

Gil não quer mulher fermosa:

Quer-la feia e bondosa.

Isto quer o André e o Gil.”

É também interessante o catálogo de mulheres efectuado nesta obra, que segue o mesmo princípio de valorização da submissão, do recato, aparecendo como modelo de mulher a ser seguido pelas outras, a de [Margarida de Valois](http://pt.wikipedia.org/wiki/Margarida_de_Valois).

Em [1664](http://pt.wikipedia.org/wiki/1664) publicou, em Roma, as suas Obras Morales. Escreveu ainda textos de cariz político e panfletos polemistas.

### Tratado da Ciência

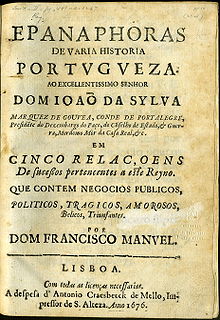
Pode-se, ainda, referir o seu “Tratado da Ciência [Cabala](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabala)” (publicado postumamente, em [1724](http://pt.wikipedia.org/wiki/1724)), dedicado a Dom Francisco Caetano de Mascarenhas. Este tratado, ao incidir sobre um tema do [ocultismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ocultismo), corria o risco provável de ser censurado pelo Santo Ofício. Verifica-se, de facto, alguma prudência na forma como o autor expõe os seus conhecimentos.

Na “Feira de Anexins” (publicado apenas em [1875](http://pt.wikipedia.org/wiki/1875)), é, de novo, demonstrado o pendor do autor para os provérbios.

Ilustração - Frontispício de Epanáforas de Vária História Portugueza, edição de 1676.

Enquanto esteve preso escreveu um volume de memórias que reuniu nas suas *Cartas Familiares*, publicadas em Roma, em 1664.

### Epanáforas de Vária História Portuguesa

[](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Francisco_manuel_de_Melo_-_Epanaphoras_de_varia_historia_portugueza._Lisboa._1676.jpg)A sua obra historiográfica inclui as *Epanáforas de Vária História Portugueza* (Lisboa, [1660](http://pt.wikipedia.org/wiki/1660)) sobre temas relacionados com Portugal.

As cinco [Epanáforas](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Epan%C3%A1fora&action=edit&redlink=1) são: a “Trágica” de [1627](http://pt.wikipedia.org/wiki/1627); a “Política”, de [1637](http://pt.wikipedia.org/wiki/1637); a “Bélica” de [1639](http://pt.wikipedia.org/wiki/1639), a “Triunfante” de [1654](http://pt.wikipedia.org/wiki/1654) e a “Amorosa”).

A “Epanáfora Amorosa” é considerada como uma obra pioneira no género da novela histórica e melodramática – de Dom Francisco, e com esta característica, contamos também as obras “El Fénis de África” de [1648](http://pt.wikipedia.org/wiki/1648), sobre [Santo Agostinho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona), e “El Mayor Pequeño”, sobre São [Francisco de Assis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Assis). Divide-se em duas partes – a primeira conta o [episódio lendário](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda_de_Machim) da descoberta da [ilha da Madeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_da_Madeira) por dois amantes fugitivos de Inglaterra, Ana d’Arfert e Roberto Machim. A segunda parte descreve a descoberta do arquipélago por [João Gonçalves Zarco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Gon%C3%A7alves_Zarco) e [Bartolomeu Perestrelo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bartolomeu_Perestrelo).

Escreveu, ainda, uma *História de los Movimientos y Separación de Cataluña* (de [1645](http://pt.wikipedia.org/wiki/1645)), muito conceituada na história literária castelhana, e ligada à «Epanáfora Política», já que trata também de uma sublevação contra o domínio filipino (no caso da Epanáfora, a revolta de Évora, ou do Manuelinho, em [1637](http://pt.wikipedia.org/wiki/1637)).

A *Bélica* trata do confronto entre holandeses e espanhóis no Canal de Inglaterra, em que D. Francisco também participou, em [1639](http://pt.wikipedia.org/wiki/1639).

A *Triunfante* trata da restauração da soberania portuguesa no estado de Pernambuco, que culmina com a expulsão dos holandeses, por altura da Restauração em Portugal.

As Epanáforas deram-lhe o epíteto de “Tácito português”, pelo seu estilo sintético e conciso, também próprio de [Cornélio Tácito](http://pt.wikipedia.org/wiki/Corn%C3%A9lio_T%C3%A1cito), o historiador romano.

## Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622)

Nascido em Leiria numa família de [cristãos-novos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Crist%C3%A3o-novo), estudou na [Universidade de Coimbra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_de_Coimbra) onde se formou em [Direito](http://pt.wikipedia.org/wiki/Direito).

Na sua escrita percebe-se uma certa influência da lírica de [Luís de Camões](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_de_Cam%C3%B5es), nomeadamente nos temas do [bucolismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bucolismo) e do desencanto.

Afirma-se que se dava com a [nobreza](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nobreza), entre os quais [Teodósio II, Duque de Bragança](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teod%C3%B3sio_II,_Duque_de_Bragan%C3%A7a) e [Duarte de Bragança, senhor de Vila do Conde](http://pt.wikipedia.org/wiki/Duarte_de_Bragan%C3%A7a,_senhor_de_Vila_do_Conde), e que este último lhe dava alojamento.

Morreu afogado no [rio Tejo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Tejo) durante uma viagem entre [Lisboa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa) e [Santarém](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santar%C3%A9m).

Viveu durante a [Dinastia Filipina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dinastia_Filipina), o que explica as numerosas obras escritas em [língua castelhana](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_castelhana), tendo escrito raramente em [língua portuguesa](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_portuguesa). Foi autor, entre outras, das obras:

* "Primavera" ([1601](http://pt.wikipedia.org/wiki/1601)), título geral das três novelas pastoris: "Primavera", "Pastor Pereyrino" e "Desenganado";
* "O Pastor Peregrino" ([1608](http://pt.wikipedia.org/wiki/1608));
* "Condestabre" ([1609](http://pt.wikipedia.org/wiki/1609)); e
* "Corte na Aldeia" ([1619](http://pt.wikipedia.org/wiki/1619)).

Dessas, "Corte na Aldeia" é considerada como o primeiro sinal literário do [Barroco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco) em [Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal) e um contributo importante no que se refere ao desenvolvimento do Barroco na [península Ibérica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pen%C3%ADnsula_Ib%C3%A9rica). A obra é dedicada ao descendente da [Coroa Portuguesa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_reis_de_Portugal), ou seja D. Duarte, irmão do [Duque de Bragança](http://pt.wikipedia.org/wiki/Duque_de_Bragan%C3%A7a) e marquês de Frechilha e de Malagam. Na dedicatória da obra, Rodrigues Lobo convida D. Duarte de Bragança a preservar e ter orgulho da "*língua e da nação Portuguesa*" que, no passado, conheceu momentos muito mais gloriosos. "Corte na Aldeia" é composta de dezassete diálogos didácticos que descrevem a vida cortesã da época, reflectindo a frustração da nobreza portuguesa pelo desaparecimento da corte nacional, sob a dominação filipina.

Gil Vicente

Luís António de Verney

“Verdadeiro método de estudar”, 1760

Fontes Pereira de Melo

Garcia de Orta

Júlio Dinis

Luís de Camões

Oliveira Martins

## Padre António Vieira (1608-1697)

([Lisboa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisboa), [6 de fevereiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/6_de_fevereiro) de [1608](http://pt.wikipedia.org/wiki/1608) — [Bahia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bahia), [18 de Julho](http://pt.wikipedia.org/wiki/18_de_Julho) de [1697](http://pt.wikipedia.org/wiki/1697))

Foi um [religioso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Religioso), [escritor](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escritor) e [orador](http://pt.wikipedia.org/wiki/Orador) [português](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal) da [Companhia de Jesus](http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Jesus). Um dos mais influentes personagens do [século XVII](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XVII) em termos de [política](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica) e [Oratória](http://pt.wikipedia.org/wiki/Orat%C3%B3ria), destacou-se como [missionário](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mission%C3%A1rio) em terras brasileiras. Nesta qualidade, defendeu infatigavelmente os [direitos humanos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_humanos) dos povos [indígenas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%ADgenas) combatendo a sua exploração e escravização e fazendo a sua evangelização. Era por eles chamado de "*Paiaçu*" (Grande Padre/Pai, em [tupi](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_tupi)).

António Vieira defendeu também os [judeus](http://pt.wikipedia.org/wiki/Juda%C3%ADsmo), a abolição da distinção entre [cristãos-novos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Crist%C3%A3os-novos) (judeus convertidos, perseguidos à época pela [Inquisição](http://pt.wikipedia.org/wiki/Inquisi%C3%A7%C3%A3o)) e cristãos-velhos (os católicos tradicionais), e a abolição da [escravatura](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escravatura). Criticou ainda severamente os sacerdotes da sua época e a própria [Inquisição](http://pt.wikipedia.org/wiki/Inquisi%C3%A7%C3%A3o).

Na [literatura](http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura), seus sermões possuem considerável importância no [barroco brasileiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco_brasileiro) e [português](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco_em_Portugal). As [universidades](http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade) frequentemente exigem sua leitura.

## Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724)

A “naveta” ou Passarola, 1709

Irmãos Montgolfier, 1783 – Balão hidrogénio

O Hidrogénio foi descoberto e isolado após a morte do Padre Gusmão (p. 198)

Pedro Nunes

Pinheiro Chagas

Sá de Miranda

Teófilo Braga

## Espinosa

## Hengel

# Glossário

Absolutismo

Sistema governativo em que impera a vontade do chefe;

FILOSOFIA metafísica que considera tudo como emanação do absoluto, sendo este, ao mesmo tempo, causa e objecto;

Carbonária

Fundada na Itália por volta de 1810, a Carbonária era uma sociedade secreta, cuja ideologia assentava em princípios libertários e que se fez notar por um marcado anticlericalismo. Em Portugal, a Carbonária foi estabelecida por volta de 1822

Coevo - que ou aquele que tem a mesma idade; contemporâneo

Jacobinos

1. POLÍTICA: membro dum clube político francês revolucionário (Clube dos Jacobinos), fundado em Paris em 1789, cujas reuniões se faziam no antigo convento de frades com o mesmo nome

2. POLÍTICA: democrata exaltado ou radical

3. *Brasil:* pessoa que é hostil aos estrangeiros

Adjectivo

1. relativo ou pertencente aos membros do Clube dos Jacobinos

2. que tem ideias revolucionárias

Lirismo

1. qualidade de lírico

2. estilo elevado, mavioso e apaixonado

3. sentimentalismo exacerbado

4. entusiasmo; exaltação de espírito

5. pejorativo falta de pragmatismo ou de espírito prático

(Do francês lyrisme, «idem»)

Maniqueísmo. Qualquer doutrina, como a de Manes, baseada na existência de dois princípios opostos e inconciliáveis – um do bem, outro do mal

Monada - macaquices, trejeitos, visagens

## Naturalismo

1. estado do que resulta da ação da natureza

2. FILOSOFIA doutrina que não admite outra realidade ou outra norma além da da natureza, rejeitando a existência do sobrenatural

3. FILOSOFIA doutrina segundo a qual a maneira de viver deve estar em conformidade com as leis da natureza

4. ARTES PLÁSTICAS teoria que defende a imitação directa e o mais fiel possível da natureza

5. LITERATURA movimento literário da segunda metade do século XIX que defende a representação da natureza e a descrição de factos observáveis da forma mais objectiva possível, sem idealizações nem preconceitos morais ou estéticos

Ontológico Que se refere ao ser em si mesmo

Panteísta Doutrina segundo a qual Deus não é um ser pessoal distinto do mundo: Deus e o mundo seriam uma só substância

Positivismo

1. FILOSOFIA sistema filosófico de Augusto Comte, filósofo francês (1798-1857), que considera as questões metafísicas inacessíveis aos processos da inteligência, embora as admita, e defende que só é cognoscível o que a observação e a experiência podem verificar
2. Tendência para encarar a vida unicamente pelo seu lado prático e útil;

## Racionalismo

1. Doutrina que afirma a primazia da razão
2. FILOSOFIA doutrina, oposta ao empirismo, segundo a qual a experiência é incapaz de explicar todos os nossos conhecimentos, em particular as ideias normativas e os princípios por meio dos quais raciocinamos
3. FILOSOFIA doutrina, oposta ao cepticismo, segundo a qual a razão humana é capaz de alcançar a verdade, porque as leis do pensamento racional são também as leis das coisas
4. FILOSOFIA doutrina segundo a qual só na razão devemos confiar e não admitir nos dogmas religiosos senão o que ela reconhece como lógico

## Realismo

1. capacidade de ver as coisas como elas são e para agir em conformidade com isso, sem atender a precedentes ou a escrúpulos
2. representação do mundo exterior nos seus aspetos mais chocantes ou violentos
3. toda a teoria que considera a realidade o que a teoria adversa considera pura ideia, ou que afirma o primado do real sobre o ideal
4. FILOSOFIA doutrina segundo a qual existe uma realidade independentemente das representações e do conhecimento que tenhamos dela
5. FILOSOFIA doutrina segundo a qual às nossas ideias gerais ou conceitos universais corresponde, fora da mente, algo de real, ou em si mesmo ou nos seres individuais
6. ARTES PLÁSTICAS, LITERATURA doutrina segundo a qual o artista deve representar o real de forma exata e objetiva

## Romantismo

1. LITERATURA movimento artístico que se manifestou na Europa e na América ao longo da primeira metade do século XIX e que se caracteriza pela oposição ao neoclassicismo e pela aceitação de uma estética que valoriza a liberdade criadora, a subjetividade e o sonho, que exprime as tensões ideológico-sociais do artista no seio da sociedade burguesa e que advoga o regresso às tradições medievais de cada povo e de cada nação
2. FILOSOFIA por oposição ao racionalismo, o termo designa a doutrina dos filósofos alemães do fim do século XVIII e do início do século XIX

## Arcádia Lusitana[[2]](#footnote-2)

A Arcádia Lusitana era o designativo da Academia de Belas-Artes criada em 1756, fazendo parte de um amplo movimento de criação de academias, ato muito em voga nos séculos XVII e XVIII. O seu modelo foi a Academia dell' Arcadia de origem italiana. O objectivo da criação desta Academia era, fundamentalmente, combater o "mau gosto" que imperava no século XVII relativamente à obra literária poética e implantar um novo gosto estético. Os seus impulsionadores - os Árcades - eram defensores da ideia de que a razão deveria ser colocada em primeiro plano relativamente ao sentimento.

Sinónimo de uma época marcada pelo despotismo esclarecido, é também o reflexo de uma nova ordem social apoiada na burguesia, já que os seus membros eram maioritariamente burgueses. Os poetas passariam a usar expressões do mundo burguês.

Um dos grandes protectores da Arcádia Lusitana foi o Marquês de Pombal.

A intervenção dos Árcades estende-se a todos os sectores da vida cultural portuguesa, desde a literatura, com especial destaque para a poesia, passando pelas artes plásticas, cujo seu maior expoente é Machado de Castro, até ao teatro, manifestando o propósito de criar um teatro nacional.

A Arcádia Lusitana viria a extinguir-se em 1764 mas continuaria a influenciar gerações posteriores de artistas, porque foi através da acção dos Árcades que Portugal se preparou para entrar no Romantismo, principalmente no âmbito da obra literária, cujo seu mais importante discípulo foi Almeida Garrett.

*Os seus membros propunham-se combater o espírito barroco e orientar a produção poética para uma estética neoclássica, com fundo na razão e no culto do natural.[[3]](#footnote-3)*

## “Vencidos da Vida”[[4]](#footnote-4)

Nome porque ficou conhecido um grupo informal formado por algumas das personalidades intelectuais de maior relevo da vida cultural portuguesa das últimas três décadas do século XIX, com fortes ligações à chamada Geração de 70. O nome do grupo, ao que parece, foi adoptado por sugestão de Joaquim Pedro de Oliveira Martins. A denominação decorre claramente da renúncia dos membros do grupo às suas aspirações de juventude

O grupo incluía, entre outros, José Duarte Ramalho Ortigão, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, António Cândido Ribeiro da Costa, Guerra Junqueiro, Luís de Soveral, Francisco Manuel de Melo Breyner (3.° conde de Ficalho), Carlos de Lima Mayer, Carlos Lobo de Ávila e António Maria Vasco de Mello Silva César e Menezes (9.º conde de Sabugosa). Eça de Queirós integrou o grupo a partir de 1889.

Apesar de Vencidos da Vida, a actividade do grupo fez renascer e crescer entre os seus membros uma nova esperança, pois tinham-se tornado um círculo influente junto do príncipe herdeiro e, após a morte de D. Luís I, em 1889, passaram a influenciar o novo rei, D. Carlos I. Nesse contexto, Eça de Queiroz escreveu na Revista de Portugal logo que o príncipe subiu ao trono: O Rei surge como a única força que no País ainda vive e opera.

Chegaram a julgar que se abria um novo ciclo político, com os Vencidos da Vida a acreditarem que, por intermédio de um acrescido papel do rei e de uma nova política externa liberta da velha aliança inglesa, se conseguiria debelar a crise provocada pelo regime oligárquico da Carta. Contudo, o assassínio de D. Carlos e do príncipe Luís Filipe, acabaram por deitar por terra as suas últimas esperanças.

A publicidade feita em torno das actividades do grupo pelo jornal O Tempo, editado por Carlos Lobo de Ávila, levou a que o nome suscitasse a troça de muita da intelectualidade lisboeta, resultado do misto de desdém e de inveja que sempre tem caracterizado o relacionamento entre os membros da intelectualidade portuguesa. Esse clima de ressentimento e troça em certos sectores da vida lisboeta, conduziu a que os seus membros fossem criticados e satirizados. Sobre o tema, o dramaturgo Abel Botelho escreveu em 1892 uma peça intitulada Os Vencidos da Vida, que acabou por ser proibida pela polícia, dada a violência da sátira e dos ataques pessoais nela contidos.

Referências

MACHADO, Álvaro Manuel, A Geração de 70 – Uma Revolução Cultural e Literária, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977, pág. 211;

QUEIRÓS, José Maria Eça de, Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas, Porto, Livraria Chardron, 1929;

## “Quinto Império” [Padre. António Vieira][[5]](#footnote-5)

O Quinto Império é uma crença messiânica, milenarista (quiliástica), concebida pelo padre António Vieira no século XVII.

Os quatro primeiros impérios eram, segundo o padre António Vieira, pela ordem: os Assírios, os Persas, os Gregos e os Romanos. O quinto seria o Império Português.

De acordo com as escrituras Hebraicas (Antigo Testamento), no livro de Daniel, capítulo 2, aquele religioso veio a basear este mito num trecho bíblico, que narra a história do rei Nabucodonosor e do seu sonho, com uma estátua erguida com cinco tipos de materiais.

Posteriormente a utopia do Quinto Império permeará a obra de Fernando Pessoa nomeadamente na obra "Mensagem". No caso de Pessoa os quatro primeiros impérios diferem dos de Vieira, sendo o primeiro o Império Grego, o segundo o Império Romano, o terceiro o Cristianismo e o quarto a Europa.

*http://pt.wikipedia.org/wiki/Quinto\_Imp%C3%A9rio*

÷

A referência ao Quinto Império surge na Bíblia e torna-se mito nas interpretações que sucederam ao longo dos tempos. Em Portugal, Bandarra (1500?-1556), Padre António Vieira (1608-1697) e Fernando Pessoa (1888-1935) reformulam o mito

O Padre António Vieira, ao desenvolver o mito do Quinto Império, considera que, depois desses grandes impérios liderados por Nabucodonosor (da Babilónia ou dos Assírios), por Ciro (da Pérsia), por Péricles (da Grécia) e por César (de Roma), chegará o Império Universal Cristão, o Quinto Império, liderado pelo Rei de Portugal. Diz Vieira em História do Futuro: "Chamamos Império Quinto ao novo e futuro que mostrará o discurso desta nossa História; o qual se há de seguir ao Império Romano na mesma forma de sucessão em que o Romano se seguiu ao Grego, o Grego ao Persa e o Persa ao Assírio".

Fernando Pessoa, na obra Mensagem, anuncia um novo império civilizacional, que, como Vieira, acredita ser o português. O "intenso sofrimento patriótico" leva-o a antever um império que se encontra para além do material. No poema "O Quinto Império", afirma: "Grécia, Roma, Cristandade, / Europa ? os quatro se vão / Para onde vai toda idade. / Quem vem viver a verdade / Que morreu D. Sebastião?"

Para o Poeta, "A esperança do Quinto Império, tal qual em Portugal a sonhamos e concebemos, não se ajusta, por natureza, ao que a tradição figura como o sentido da interpretação dada por Daniel ao sonho de Nabucodonosor. Nessa figuração tradicional, é este o seguimento dos Impérios: o Primeiro é o da Babilónia, o Segundo o Medo-Persa, o Terceiro o da Grécia e o Quarto o de Roma, ficando o Quinto, como sempre, duvidoso. Nesse esquema, porém, que é de impérios materiais, o último é plausivelmente entendido como sendo o Império de Inglaterra. Desse modo se interpreta naquele país; e creio que, nesse nível, se interpreta bem. Não é assim no esquema português. Esse, sendo espiritual, em vez de partir, como naquela tradição, do Império material de Babilónia, parte, antes, com a civilização que vivemos, do Império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos. E, sendo esse o Primeiro Império, o Segundo é o de Roma. O Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa ? isto é, da Europa laica de depois da Renascença. Aqui o Quinto Império terá de ser outro que o inglês, porque terá de ser de outra ordem. Nós o atribuímos a Portugal, para quem o esperamos." (Textos transcritos por António Quadros, em Fernando Pessoa, Iniciação Global à Obra)

A crença no Quinto Império persegue Fernando Pessoa, como se vê pela entrevista a Alves Martins (1897-1929) em Revista Portuguesa, nº 23-24, de 13 de outubro de 1923, onde à questão sobre o que calcula que seja o futuro da raça portuguesa, responde: "O Quinto Império. O futuro de Portugal ? que não calculo, mas sei ? está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas do Bandarra, e também nas quadras de Nostradamus. Esse futuro é sermos tudo."

Desde o tempo das descobertas, com o conhecimento de novos mundos, que colocaram Portugal como referência obrigatória, sempre houve uma crença de perenidade e de uma missão civilizadora. Daí Fernando Pessoa, como o fizera Vieira, procurar atestar a sua grandiosidade e o valor simbólico do seu papel na civilização ocidental, acreditando no mito do Quinto Império. Ao longo da Mensagem, sobretudo da terceira parte, Pessoa exprime a sua conceção messiânica da história e sente-se investido no cargo de anunciador do Quinto Império, que não precisa de ser material, mas civilizacional.

## “Idade do Espírito Santo” [Agostinho da Silva]

# Cronologia

1572 – *Os Lusíadas*

1578 – Alcácer Quibir

1581 – Filipe I

1597 – Frei Bernardo Sousa

1619 – *A Corte na Aldeia e Noites de Inverno*. Rodrigues Lobo

1640 – Restauração

1644 – Bat. Montijo

1648 – Paz de Vestefália

1652 – *Arte de Furtar. P*adre António Vieira

1659 – Tratado dos Pirenéus

1663 - Bat. Ameixial

1665 – Bat. Montes Claros

1665 – *O Fidalgo Aprendiz (Auto)*. Francisco Manuel de Melo (1608-1666)

1668 – Bula Papal de reconhecimento da Independência

1690 – Primeiro carregamento de ouro do Brasil

1759 – Expulsão dos Jesuítas

1772 - Novos estatutos da Universidade de Coimbra

# Referências bibliográficas

Borges, Paulo. *Uma Visão Armilar do Mundo*. Lisboa: Verbo, 2010

Carvalho, Rómulo. *História da Educação em Portugal*. Lisboa, 2001

# Índice remissivo

1

1 - Cronologia

1572 - *Os Lusíadas* 42

1578 - Alcácer Quibir 42

1581 - Filipe I 42

1597 - Frei Bernardo Sousa 42

1619 - *A Corte na Aldeia* e *Noites de Inverno*. Rodrigues Lobo 42

1640 - Restauração 42

1644 - Bat. Montijo 42

1648 - Paz de Vestfália 42

1652 - *Arte de Furtar*. Padre António Vieira 42

1659 - Tratado dos Pirenéus 42

1663 - Bat. Ameixial 42

1665 - Bat. Montes Claros 42

1665 - *O Fidalgo Aprendiz (Auto)*. Francisco Manuel de Melo 42

1668 - Bula Papal de reconhecimento da Independência 42

1690 - Primeiro carregamento de ouro do Brasil 42

1759 - Expulsão dos Jesuítas 42

1772 - Novos estatutos da Universidade de Coimbra 42

A

Academia das Ciências de Lisboa 11

Academia Real de História 10

Artes 18

Barroco 18

C

Companhia de Jesus 10, 34

Comunidade Europeia 9, 12

Congregação do Oratório 10

G

Glossário

Absolutismo 36

Arcádia Lusitana 38

Carbonária 36

Coevo 36

Idade do Espírito Santo 41

Jacobinos 36

Lirismo 36

Maniqueísmo 36

Mónada 36

Naturalismo 36, 37

Panteísta 37

Positivismo 37

Quinto Império 40

Racionalismo 37

Realismo 37

Romantismo 38

Vencidos da Vida 39

Glossário

Arcádia Lusitana 11

I

*Index Censorum* 10

L

Lista Onomástica 26

M

***messianismo*** 12

N

neo-realismo 9

O

Obras

A Castro 12

Cancioneiros 12

Leal Conselheiro 12

Menina e Moça 12

observatório astronómico do Palácio da Ajuda 10

Onomástica

Agostinho da Silva 9, 12, 41

Alexandre Herculano 11, 26

Almeida Garrett 11, 26

Amorim Viana 11, 26

Antero de Quental 11, 26

António Ferreira 12

António Sérgio 8, 11, 26

Bandarra 9, 10, 12

Bernardim Ribeiro 9, 12, 26, 31

Boaventura de Sousa Santos 12

Bocage 11

Camilo Castelo Branco 11, 26

Cesário Verde 26

Cunha Seixas 11, 26

D. Dinis 8, 12, 16

D. Duarte 8, 9, 12, 16

D. João IV 16

D. Manuel 12, 17

Dalila Pereira da Costa 12

Eça de Queirós 11

Eça de Queiroz 26

Eduardo Lourenço 8, 9, 12, 26

Fernando Pessoa 9, 11, 26

Fernão Lopes 9

Fontes Pereira de Melo 33

Francisco Manuel de Melo 27

Francisco Rodrigues Lobo 32

frei José de Santa Rita 11

Gabriel Malabrida 11

Garcia de Orta 8, 9, 33

Garcia de Resende 12

Gil Vicente 8, 9, 12, 33

Júlio Dinis 33

Luís António de Verney 10, 33

Luís de Camões 8, 10, 33

Manuel Maria Carrilho 12

marquês de Pombal 11

Marquês de Pombal 10

Marquesa de Alorna 11

Natália Correia 12

Oliveira Martins 11, 33

Oliveira Salazar 11

padre António Vieira 10, 34

padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão 10, 34

Paulo Borges 12

Pedro Nunes 8, 34

Pinheiro Chagas 34

Rodrigues Lobo 10

Sá de Miranda 9, 12, 28, 34

Sílvio Lima 11

Teixeira de Pascoais 11

Teófilo Braga 11, 34

Zurara 9

P

***providencialismo*** 12

R

**Reis e Rainhas** 16

Filipe IV de Espanha 27

Restauração 27

S

*saudade* 12

surrealismo 9

T

Tribunal da Santa Inquisição 10

*Trovas* 12

U

Universidade de Coimbra 10

1. Borges, Paulo:2010 [↑](#footnote-ref-1)
2. Arcádia Lusitana. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-08-02].  
   Disponível na www: <URL: http://www.infopedia.pt/$arcadia-lusitana>. [↑](#footnote-ref-2)
3. Arcádia Lusitana. In Wikipédia[Em linha]. [Consult. 2011-08-02].  
   Disponível na www: <URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Arc%C3%A1dia\_Lusitana>. [↑](#footnote-ref-3)
4. Vencidos da Vida. In Wikipédia[Em linha]. [Consult. 2011-08-02].  
   Disponível na www: <URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vencidos\_da\_Vida >. [↑](#footnote-ref-4)
5. Quinto Império. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-08-03].

   Disponível na www: <URL: http://www.infopedia.pt/$quinto-imperio>. [↑](#footnote-ref-5)